

PLEBE RUDE, Brasília e a revolta anos 80

SHOW BiZZ

www.uol.com.br/showbizz

Dolores, dos Cranberries:
"Ter um filho me tirou do esgoto"

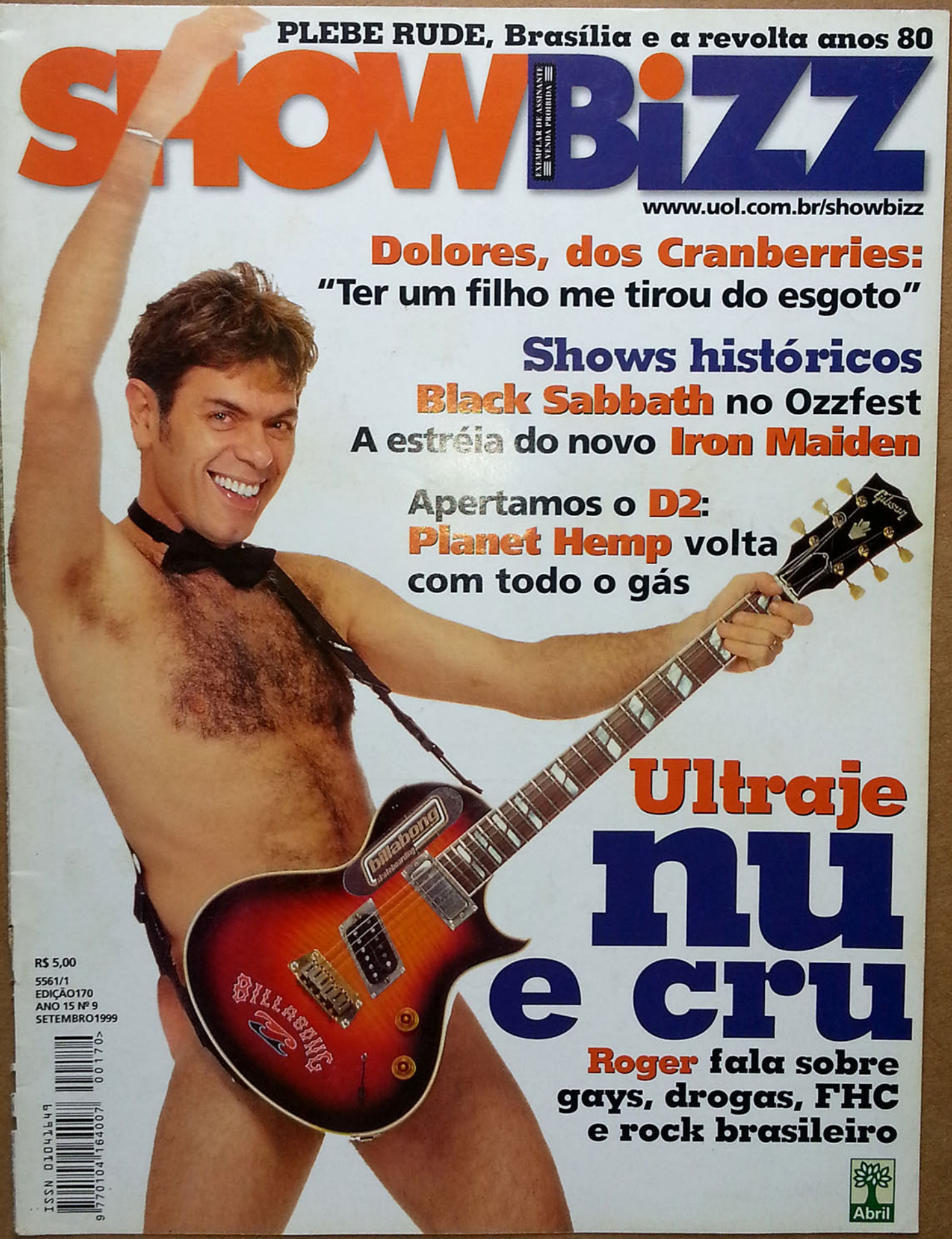
Shows históricos
Black Sabbath no Ozzfest
A estréia do novo **Iron Maiden**

Apertamos o **D2:**
Planet Hemp volta
com todo o gás

Ultraje
nu
e cru

Roger fala sobre
gays, drogas, FHC
e rock brasileiro

R\$ 5,00
5561/1
EDIÇÃO 170
ANO 15 Nº 9
SETEMBRO 1999



Com a loura Dolores à frente, os Cranberries em sua versão 1999



As dores de Dolores

Feliz depois de ter um filho e de superar a depressão, a cantora dos Cranberries ataca suas colegas americanas e diz que está se lixando para as gravadoras

Por Daniel Oliveira,
de Los Angeles (EUA)

Esta entrevista deveria vir com uma advertência: lá vem mais um astro milionário do rock falando sobre o estresse e as terríveis pressões que vêm com o sucesso. É um tremendo clichê, mas a vida é assim mesmo: as situações-clichê se repetem, elas acabam adquirindo esse status porque são realmente muito comuns. Dolores O'Riordan-Burton, irlandesa, aos 25 anos (em 1996) já havia vendido 26 milhões de discos de seu grupo, o Cranberries. Mas não seguiu o rojão. Passou por sérios problemas – depressão, síndrome do pânico etc. –, pensou em nunca mais cantar e... Como reza o clichê, agora está de volta para cantar e vender, claro, a história.

“De repente eu entrei em depressão/ fiquei totalmente estressada”, relatam os versos de “Animal Instinct”, faixa de abertura de *Bury The Hatchet*, quarto álbum do grupo. Mas a Dolores que fala à SHOWBIZZ sobre o disco é uma nova mulher, feliz com o filho Taylor e o casamento com o canadense Don Burton – ex-empresário do Duran Duran e atual *tour manager* dos próprios Cranberries. O quarteto irlandês havia estourado com seus dois primeiros álbuns, *Everybody Else Is Doing It, So Why Can't We* (1993) e *No Need To Argue* (1994), e virado alvo da imprensa musical sensacionalista. O terceiro disco, *To The Faithful Departed* (1996), somou com seus antecessores 26 milhões de cópias vendidas mundialmente.

Entre o cancelamento da turnê de *To The Faithful Departed* e o início da composição de *Bury The Hatchet*, Dolores, os irmãos Mike e Noel Hogan (baixo e bateria, respectivamente) e o baterista Fergal Lawler abandonaram os palcos, os estúdios, as entrevistas, os videoclipes e as demais atividades de uma banda, então multiplicadas pelo sucesso. “O mercado musical havia se tornado agressivo demais. Precisávamos parar”, lembra Dolores. Ela deu um tempo no canto e ficou grávida. Mike tirou férias prolongadas na Inglaterra, Fergal viajou pela Ásia com sua esposa e Noel abriu um restaurante em Limerick, cidade natal do grupo. Baterias recarregadas, os quatro se lançaram ao novo disco e, depois, a turnê nos Estados Unidos e na Europa. ▶



Os Cranberries não deitaram na cama do sucesso fácil e lançaram mais um bom disco



Quais foram os problemas que você enfrentou durante e após a turnê do disco *To The Faithful Departed*?

Dolores O'Riordan-Burton: Formamos o grupo no colégio apenas por diversão. Éramos quatro adolescentes e nossos dois primeiros discos explodiram. A fama acabou nos pressionando. Para piorar, o diretor artístico da nossa gravadora, que havia nos contratado,

Dolores nem sempre teve o visual agradável de hoje em dia

morreu logo após atingirmos o estrelato. Ele era

como nosso anjo da guarda, e ficamos perdidos após sua morte. Todo mundo na indústria musical só queria saber de dinheiro, ninguém se importava com arte. Eu estava com raiva e pensei: "Meu Deus, não gosto mais do grupo! Não é mais legal cantar no Cranberries". Estávamos infelizes. Meus companheiros levavam suas esposas em turnê e mal nos víamos. Estava óbvio que devíamos parar.

O que aconteceu a partir daí?

Fiquei doente em setembro de 1996 porque não havíamos parado de excursionar. Eu estava magra, infeliz, cheia de problemas e as pessoas nem se importavam! Eu lia os jornais e os repórteres diziam que eu estava com anorexia, o que era mentira. Algumas pessoas conseguem lidar com

"Minha voz acaba com esses lixos criados pelas gravadoras. Diversas cantoras têm as vozes tratadas por computador porque não conseguem cantar direito."

depressão, eu não. Quanto mais magra eu ficava, mais nervosa eu me tornava. Não conseguia dormir direito, tinha ataques de pânico, enfrentava pesadelos e tremia. Após visitar um médico, disse ao meu marido que estava doente e que devíamos cancelar a excursão. Ele falou com os agentes da turnê e eles se lixaram. Queriam que eu continuasse, o que piorou as coisas. Então eu disse: "Chega. Vou parar de cantar. Cancelem a turnê".

Como os outros integrantes reagiram?

Eles também estavam infelizes, mas passaram despercebidos porque não são tão famosos quanto eu. Qualquer coisa que aconteça ao grupo cai primeiro em cima de mim. Eles também estavam cansados da pressão e de tantas pessoas nos dizendo "façam isso, façam aquilo". Foi trabalho demais, exposição exagerada na mídia e falta de estabilidade na vida. Terminada a turnê, consultei uns oito médicos. Eu precisava me livrar da vida pública. Parei de beber, passei a caminhar e a visitar a igreja — eu era bastante religiosa quando criança. Precisava me reaproximar da realidade. Cinco meses depois, fiquei muito feliz com a gravidez. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Por que você não esperou ter o filho para começar a trabalhar em *Bury The Hatchet*?

Eu pensava: "Nunca mais vou cantar, quero outra carreira". Mas fiquei muito emocionada quando senti o bebê mexendo-se no meu ventre. Sentei então em frente ao piano e compus a música "Dying In The Sun." Foi a primeira vez que cantei desde que havia abandonado o grupo. Aquele foi um dia especial, que curou minhas feridas. Eu estava crescendo e esquecendo o passado. Eu estava me tornando uma verdadeira mulher em vez de uma rockstar machucada.

Três anos atrás, a MTV perguntou o que você achava de ter um filho e você respondeu: "É discutível. Adoro crianças, mas vivemos num planeta miserável. Não sei se gostaria de criar um fi-

lho entre tantas coisas ruins". Por que mudou de idéia?

Muitas coisas aconteceram desde que falei isso. Eu precisava de um filho — era a única coisa que me tiraria do esgoto. Por isso compus a música "Saving Grace" ("Graça Salvadora"). Eu disse que era discutível, mas não que nunca teria um filho. Na época eu estava tão deprimida, tão por baixo, que tinha uma visão negativa do mundo.

Você acha que as letras de *Bury The Hatchet* refletem otimismo?

Sim. Sabe o que é? Eu era muito cínica, não gostava de nada. Aí fomos tocar em países pobres. Vi extremos de pobreza que me irritavam. Vim da classe média e fiquei milionária da noite para o dia. Era difícil lidar com essa situação, ir aos shows numa limusine vendo crianças pobres nas ruas. Me sentia muito culpada.

Você faz referência a Deus na música "Just My Imagination": "Sempre tenho fé no amor/ É a melhor coisa do homem do céu". Qual é o papel da religião em sua vida?

Com o amor de outras pessoas, pode-se enfrentar qualquer coisa, seja depressão, drogas ou alcoolismo. Foi assim que me livrei de meus problemas. Sou muito espiritual — acredito em Deus e nessa coisa de céu e inferno. No Natal, gosto de levar meu filho à igreja e lhe contar a história de Jesus. Não vou à missa todos os domingos e não sou uma católica dedicada, mas a religião está no meu coração.

Outra cantora irlandesa, Sinéad O'Connor, tornou-se sacerdotisa recentemente. O que você achou disso?

Não significou nada para mim. Sinéad tem uma voz bonita e provavelmente um bom coração, mas é bastante confusa emocionalmente.

Foi difícil para o Cranberries provar seu potencial vindo de uma pequena cidade como Limerick?

Sim, precisamos vender 6 milhões de discos pelo mundo fora até que prestassem

atenção na gente! Sempre me lembro de quando retornamos à Irlanda e todos perguntavam como havíamos vendido 3 milhões de discos na América. Organizamos propositalmente uma recepção em Limerick para obrigar a imprensa de Dublin a visitar nossa cidade.

Ainda que *To The Faithful Departed* tenha vendido bem, não atingiu o sucesso de *No Need To Argue*. Isso afetou o relacionamento de vocês com a gravadora?

Sendo honesta, estou me lixando para a indústria musical. Não sou mulher de negócios e não canto por dinheiro. Já ganhei mais dinheiro do que poderia sonhar. O primeiro disco vendeu 6 milhões, o segundo, 14 milhões e o terceiro, outros 6 milhões. Isso é fantástico, a vida é maravilhosa! Sou uma mulher de sorte e feliz com o que conquistamos. Só esperava que não houvesse tantas pessoas viciadas em grana como acabei conhecendo.

"Linger", "Dreams", "Zombie" e "Ode To My Family" são ainda os maiores hits do grupo. Você acha que alguma canção de *Bury The Hatchet* poderá equiparar-se nas rádios?

Sou compositora e nunca penso no sucesso de uma música. Não me importo com o que as rádios tocam. Provavelmente to-

cam "Dreams", porque possui uma levada agitada, e "Zombie", porque tem guitarras barulhentas. Mas também tocam "Ode To My Family", que é lenta, e "Linger", que nem single é. Assim, é difícil opinar. Não tenho idéia do que os programadores de rádio pensam.

Numa era em que as cantoras pop parecem fabricadas em série, você tem uma voz singular...

A diferença é que eu nasci para cantar, o que é maravilhoso. Geralmente as pessoas com jeito para cantar não se importam com o sucesso. Sempre fui contra cantoras gostosinhas e vídeos glamourosos. O videoclipe de "Promises", por exemplo, é bastante obscuro. Minha voz acaba com esses lixos fabricados pelas gravadoras. Você está certo — diversas cantoras, especialmente nos EUA, soam parecidas. E eu sei o motivo: as vozes são filtradas e tratadas por computador porque essas garotas não conseguem cantar direito. Não quero parecer metida, só estou sendo honesta. Não sou linda, mas também não sou baranga. Tenho pernas curtas, mas canto direito, e isso é o que importa. Quando vejo essas garotas lindas com pernas maravilhosas, fico pensando: "Meu Deus, como podem cantar tão mal?"



O Metallica mora no coração de Dolores

que achava 'Zombie' demais. Fiquei impressionada porque sempre fui fã do Metallica."

O papo rolou por alguns minutos e James conversou com ela sobre as famigeradas "pressões do sucesso". "Ele é bastante legal e humilde. A conversa foi estimulante e me fez pensar: 'Se os caras do Metallica conseguiram segurar a barra, também conseguirei.'"

Foto: Druugano